Journal Homepage: -www.journalijar.com

INTERNATIONAL JOURNAL OF ADVANCED RESEARCH (IJAR)

Article DOI:10.21474/IJAR01/21741
DOI URL: http://dx.doi.org/10.21474/IJAR01/21741

RESEARCH ARTICLE

O LUGAR DA POESIA DE AGOSTINHO NETO NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA PATRIÓTICA

Wakala Muzombo

Manuscript Info

Manuscript History
Received: 09 July 2025
Final Accepted: 11 August 2025
Published: September 2025

Key words:-
Poetry; independence; political awareness; patriotic consciousness.

Abstract

One of the fundamental purposes of poetry is to challenge established models, often unveiling the contradictions of society. It suggests alternative perspectives on given realities, inviting a critical reappraisal. In the context of Angola's struggle for independence, Agostinho Neto resorted to poetry as a means of raising the political consciousness of native populations and encouraging adherence to the liberation movement. Neto's poetic corpus is vast; however, this study focuses on three poems whose thematic concerns revolve around revolution. His engaged poetry reflects the diversification of forms of struggle. Although written in Portuguese, it is important to highlight the use of African anthroponyms and toponyms, which function as semiotic codes announcing a cultural patriotism. Thus, Neto's poems conveyed messages grounded in the apprehension of the surrounding reality: the existential condition of the poor native in contrast with the bourgeois settler. These texts also enabled the recognition of the 'self' and the construction of identity. The formation of patriotic consciousness, therefore, involves the deconstruction of dominant ideology and the formulation of new ideas based on lived experience, an active process that surpasses passivity by replacing it with reflective awareness. Neto's poetics resists the colonial project of epic construction. Likewise, the engaged poetry produced by other African authors, as referenced in this study, bears witness to the dismantling of colonial ideals of glorification.

"© 2025 by the Author(s). Published by IJAR under CC BY 4.0. Unrestricted use allowed with credit to the author."

Introdução:-

Nesta abordagem da poesia de Agostinho Neto, torna-se necessário fazer, em algumas linhas, uma nota biográfica. Assim sendo, António Agostinho Neto foi político, médico e escritor angolano, nasceu no dia dezassete de Setembro de 1922, em Icolo e Bengo. Percebeu, desde cedo, a diferença entre os meios rural e urbano. Disparidade explícita na vida dos habitantes, atendendo à sociedade desigual promovida pelo colono. Entende-se que tal terá influenciado, de certa forma, a sua escrita. Sendo a poética netiana vasta, circunscrevemos o presente estudo em três poemas – «Adeus a hora da largada», «O Içar da Bandeira» e «Criar». Privilegiamos estes para o artigo por se configurarem relevantes, na nossa opinião, pela forma como a reivindicação é explícita. Desta forma, é também delimitação que fazemos.

Corresponding Author:-Wakala Muzombo

Alertamos para o facto de os três poemas partilharem elementos comuns – a luta pela liberdade, a projeção de uma nova nação. Isto permitiu com que o texto tivesse em abordagem elementos que se leem como reiterados. Tal se deve a projeção do próprio autor. Entretanto, não desprimora aexistência de especificidades em cada um deles, que merecem uma releitura.

A poesia engajada de Neto é uma crítica ao modelo de governo colonial. Além dele, havia outros autores angolanos que faziam textos na mesma perspetiva. Os poetas engajados traziam nos seus textos os problemas da sociedade do seu tempo, a fim de que a população tomasse consciência deles, que os despertasse para o ideal nacionalista. São testemunho dessa ideologia as reflexões contidas nos poemas de Agostinho Neto sobre racismo, fome, violência, etc.

Neste sentido, a consciencialização não ocorreu apenas aquando da luta armada de libertação nacional, mas num processo anterior, que visava o despertar da consciência de cada nativo e que, concomitantemente, conhecesse o valor de uma formação académica e ideológica, porque desta forma se estaria emmelhores condições para ensinar outros a lutar por mais direitos. Era, pois, necessário que se multiplicassem as formas de luta. Os meios estilísticos e modernos de luta permitiram a criação e divulgação da mensagem. Tratava-se de uma luta por um patriotismo cultural, pese embora feita em língua portuguesa, o que fazia do poeta um sujeito de dois mundos. No entanto, encaixava outros elementos – desvios ao português padrão, recurso aos antropónimos e topónimos africanos. Essas referências à tradição africana são, ao mesmo tempo, consolidação e proteção do património cultural, algumas aparecem em poemas como «Kinaxixi» e «Mussunda amigo».

Assim, os poemas de Agostinho traziam mensagens que se baseavam na compreensão da realidade circundante e no reconhecimento do «ser», a formação da identidade. Desta forma, a formação da consciência patriótica é a desconstrução da ideologia dominante, formulação de novas ideias a partir da experiência; um processo que ultrapassava a inatividade, substituindo em seu lugar a consciência reflexiva.

Apesar de o colono tentar aproximar as populações indígenas aos eu modo de vida através da língua e da escola, Agostinho Neto aproveitou-se dessa situação para contrapor os ideais portugueses de colonização, de engrandecimento do império português.

O processo de despertar os nativos é a consciencialização, definida por Lourenço, M. (2014, p. 257) como "[…] o acesso a consciência de aspectos da experiência excluídos da percepção consciente do sujeito". Pode, ainda, ser considerado o processo didático que visava dar ao sujeito a noção de ser escravo, mas alimentado, utopicamente, que pode alterar o quadro e que pode ser autor do seu destino.

Traçamos como objetivos compreender a dimensão patriótica e mobilizacional que Agostinho Neto teve para despertar a consciência dos nativos sobre a dominação colonial a partir dos seus poemas, e buscando diálogos com outros autores. Tal é alcançável a partir da leitura dos textos selecionados que proporcionam o entendimento da dimensão reivindicativa de cada poema aqui trazido.

Selecionamos três (3) textos para este artigo, com teor reivindicativo. Na sua leitura, serão apenas usados alguns versos ou algumas estrofes, separados poruma barra. Neste caso, os versos ou estrofes em que se encontram as referências sobre o despertar da consciência patriótica, que são os objetos de análise.

A Questão Da Hierarquização Das Culturas:-

A hierarquização cultural evidencia a existência de culturas superiores que outras. Os portugueses atribuíram ao nativo a incompetência, considerando-a como um "dom". E, para que essa incompetência se perpetuasse, aplicavam-se políticas que agudizassem o analfabetismo, vedando o acesso à escola e demais ambientes de literacia. Desta forma, acentuava-se, igualmente, a exploração económica. Aos nativos era reservado o trabalho do campo, doméstico e outros cujas práticas impediam o desenvolvimento de uma literacia leitora e reflexiva, como bases que ativassem as outras aprendizagens. "O sistema colonial era encarado como insubstituível e a cultura local como "naturalmente" inferior. […] os habitantes da terra, sempre encarados como seres humanos inferiores ou até em estado de subumanidade" (Pavão, 2003, p. 339).

Para inverter o estado de sub-humano impingido ao negro, outros poetas africanus defensores da negritude rejeitavam tais conceções. Procuravam, desta forma, descrever nos seus poemas o "belo negro", exaltando características positivas do homem negro. Veja-se, a título de exemplo, o poema Manifesto de José Craveirinha:

Oh! Meus belos e curtos cabelos crespos
E meus olhos negros insurrectos
Grandes luas de pasmo na noite mais bela
(…)
E minhas maravilhosas mãos escuras raízes do cosmos
Oh! E meus dentes brancos de brancos de marfim espoliado
Puros brilhando na minha Negra reencarnada face altiva.

Tendo sido denegada toda a cultura negra, Fanon (2018) fala sobre culturas hierarquizadas, onde existem grupos humanos sem cultura, concebidos como subalternos e outros grupos que se sobrepõem a outros. Desta forma, são concretizações da hierarquização cultural fenómenos como o racismo, e que, para Fanon (2018, p. 80), "O racismo, vimo-lo, não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo". Sobre os opressores, Fanon (2018, p. 80) questionava: "Como se comporta um povo que oprime?". Em resposta à sua pergunta, diz o seguinte:

"Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados [as]. […] Na realidade, as nações que empreendem uma guerra colonial não se preocupam com o confronto das culturas. A guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira necessidade é a escravização, no sentido mais rigoroso, da população autóctone. Para isso, é preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, o despojamento, a razia, o assassínio objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem. O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados".

No processo de colonização os povos autóctones adaptam-se à cultura imposta. O colonizador, usando todos os artifícios, submete a dos nativos. Este processo tem efeitos psicológicos irreversíveis. "Produz-se no nativo uma distorção na sua personalidade que se reflecte na vida social, desequilibrando-a" (Kandjimbo, 2000 *apud* Rodrigues, 2013, p. 13). Desta forma, sendo a África vítima dos fenómenos referidos por Fanon, entende-se, a partir daqui, o contexto da produção dos textos de Agostinho Neto, abordagem que faremos a seguir.

Contexto De Produção Dos Textos Escolhidos:-
No século XV, alguns povos europeus expandiram-se pelo mundo. Esta expansão, que primeiro se fundamentou na troca de produtos e na expansão do cristianismo, mais tarde, em África, viria a sofrer metamorfoses – o tráfico de escravos, submissão dos povos autóctones. Assim, a região que hoje compreende Angola foi visada neste processo.

Rodrigues (2013, p. 9) refere que
"Ao longo dos anos e dos séculos, a colonização criou, sob a égide do "trabalho de civilização", situações de discriminação racial e assimilação forçada e desencadeou a alienação total dos povos colonizados. A negação da liberdade, a imposição de uma língua desconhecida, de um regime politico opressor e de outros valores são apenas alguns dos artifícios usados pelos colonizadores para retirar o que é vital para a sobrevivência de um povo: a sua identidade. Os povos colonizados foram, aos poucos, assim, destituídos de qualquer referência cultural própria e condicionados cultural e civilizacionalmente".

Como se pode compreender na história de Angola, o processo da conquista da liberdade é anterior a Agostinho Neto. No entanto, sendo a colonização secular, Agostinho Neto nasce e cresce no mesmo contexto. Foi daí que a necessidade de liberdade lhe leva aos trilhos da revolução. Assim, a conquista da liberdade não passava pela consciencialização, uma fase que permitia a compreensão das dificuldades vividas, da perceção da pobreza que circundava as populações.

Pode-se assim afirmar que a poesia de Agostinho Neto nasce num contexto de opressão face a colonização portuguesa, tempo e espaço em que se legitimou o racismo e a apropriação indevida das terras africanas. Agostinho Neto observa a distorção da identidade de seu povo, que se concretizou na destruição dos valores culturais. Assim sendo, a contraposição da ordem colonial estabelecida compreendeu a reivindicação, colocando-se numa posição de sujeito da sua própria história (Rodrigues, 2013). Laranjeira (1995, p. 92) apresenta mais razões sobre os contextos da poesia de Agostinho Neto quando caracteriza a sua obra Sagrada Esperança,

"Nele se encontramos temas da alienação social, cultural e política, da exploração económica, da repressão policial e política, da miséria e do analfabetismo, da prostituição e do alcoolismo, do trabalho e da solidariedade, do amor e da esperança, do exílio e da nostalgia, da revolta, prometeísmo e revolução".

A obra Sagrada Esperança, comparada a um texto épico (com as devidas distâncias temporais e contextuais a admitir), incita o povo angolano para a conquista da independência. Nesta senda, usando a literatura como arma, Agostinho Neto contesta a ordem estabelecida há séculos, que glorificava o império colonial, influenciando a tomada de consciência do "ser" negro enquanto humano e proprietário do "palco" em que a injustiça se estabelece, e daí a necessidade da liberdade.

Dão-se, desta forma indícios da restituição de identidade perdida através da literatura, nomeadamente, a poesia. Por outro lado, além da consciencialização dos nativos a abraçar a luta pela independência, os poemas de Agostinho Neto visavam igualmente o próprio colono, apelando-o a adotar o humanismo.

Estes textos, por serem escritos nos contextos já referidos, contrariavam pretensões coloniais; defendiam, valorizavam e exaltavam os povos africanos. É neste sentido que Carter (2014, p. 347) afirma que "A matéria-prima com que ofundador da República de Angola construiu o seu universo poético foi a realidade sociopolítica da sua terra natal […]".

Análise Dos Textos Escolhidos:-

A literatura foi, por excelência, o meio para a difusão dos ideais de liberdade (Lima, 2013). Assim, havendo várias tipologias de textos literários de combate, este estudo circunscreve-se à poesia. Assim, entende-se por poesia de combate a de cunho revolucionário, com fins sociopolíticos. São textos que apontam para a consciencialização e reivindicação. Aquela que trata de questões ideológico-revolucionárias, que, na época colonial, idealizou a liberdade dos povos oprimidos. Ou, ainda, que usando uma linguagem própria, mobilizou os nativos para aderir a luta de libertação, trazendo à tona os males do colonialismo europeu.

Além da poesia há outros textos desta literatura de combate ou protesto (contos e romances), escritos por outros autores angolanos. É o caso das "Aventuras de Ngunga", uma obra que relata as várias formas em que foi feita a ação pedagógica para o despertar da consciência patriótica durante a luta de libertação. Como numa peça teatral em que os espectadores se revêm, "Suas personagens vão nos apresentando todos os desafios enfrentados pelo movimento para o despertar da consciência da sociedade de acordo com o seu ideal nacionalista. O conhecimento de tais obstáculos aparece nos diálogos, conflitos e reflexões dos guerrilheiros ficcionais;" (Lima, 2013, p. 1). Assim, a partir da leitura das obras com esse teor, o nativo tomaria consciência da colonização e daí a necessidade de adotar técnicas para se libertar. O carácter didático das referidas obras facilitava a sua compreensão.

Essa literatura, "Tendo sido especificamente gerada pela luta ideológica em Angola e de fim essencialmente revolucionário, a poesia de Agostinho Neto pertence a esta categoria global de literatura de protesto" (Carter, 2014, p. 347). Essa literatura apresenta o texto de acordo a projeção do seu autor, evitam-se os "mascaramentos". A poesia engajada feita por Neto apresenta uma elocução geralmente concreta. No entanto, atualmente, surgem críticas de teóricos que defendem o seu carácter efémero, porque, tendo como finalidade a modificação de determinadas condições que inspiraram a sua produção, o mesmo (texto) deixaria de ter valor. No entanto, entendemos que os textos podem ser vistos sob várias perspetivas – histórico, literário, político. Assim sendo, não mais havendo a finalidade política, por exemplo, nos textos de Agostinho Neto, prevalecem outros valores - históricos e/ literários.

A seguir, vamos proceder à análise do poema «Adeus à hora largada», de Agostinho Neto. Faremos uma releitura que nos permitirá compreender a sua dimensão reivindicativa. A seguir, dispomos os textos selecionados para estudo. São transcritos integralmente os poemas e, em seguida, procede-se à análise literária de cada um, buscando-se neles os elementos que inspiram a consciencialização.

Adeus à hora largada, de Agostinho Neto:

Minha Mãe
(todas as mães negras cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança
Eu já não espero
sou aquele por quem se espera
Sou eu minha Mãe a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida

Uma Leitura:
O poema expressa várias perspetivas - o princípio, o adeus, o rapto, a separação, a ida para um lugar desconhecido e a formação de novos mundos. Estas perspetivas concretizam-se pela enunciação do filho que abandona a sua terra natal, seu ser, sua cultura, seu conhecimento do mundo, sua família, e parte para outro lugar. O verso «Minha Mãe», "como segunda pessoa - que serve de interlocutor mudo da narração" (Melo & Marques, 2014, p. 361), o destinatário, refere-se à mãe enquanto pátria.

Considerando este poema como uma introdução, seu desenlace dá-se com o poema «Havemos de Voltar», espaço em que o sujeito poético expressa a esperança de rever a sua terra independente, na restituição da situação anterior anunciada no poema «Adeus à hora da largada».

A terceira estrofe é a autoidentificação (próprio de um poema confessional). Os vários sujeitos que se erguem em voz compõem a metáfora da pátria, o todo pelas partes, que são os vários filhos de uma mãe (pátria), crianças pobres e adultos escravizados «a esperança somos nós/somos as crianças nuas das sanzalas do mato/somos os teus filhos/nós vamos em busca da luz» estabelecidos em diferentes espaços «os garotos sem escola a jogar a bola de trapos /nos areais ao meio-dia /somos nós mesmos/os contratados a queimar vidas nos cafezais».

Como se pode notar, «Há como que uma colectivização do sujeito de enunciado e, a partir daqui o poema deixa ser uma voz pessoal para se tornar um coro uníssono» (Melo & Marques, 2014, p. 363). Trata-se, neste sentido, da voz do povo. Anuncia-se de igual modo a situação de precariedadee de estratificação entre os moradores dos bairros asfaltados e dos musseques «somos os teus filhos/dos bairros de pretos/ além aonde não chega a luz elétrica/ teus filhos/com fome/com sede». Estes versos dão a noção de quem conhecia bem a realidade e por isso a descrevia com engenho. É o caso da referência que faz aos bairros dos pretos, sem luz elétrica. Tal induz a existência de um signo oposto, aonde existe luz elétrica – os bairros da elite colonial.

Quanto a estratificação social, Pavão (2003, p. 339) diz:
"Nas cidades, viviam nos musseques, isolados do mundo dos brancos colonizadores, aglomerados em péssimas habitações, sem nenhuma higiene ou conforto. Já no campo, viviam explorados pelos brancos, que foram tomando posse das terras que representavam seu lar e sustento, passando a servir de mão-de-obra que só aumentava a riqueza dos colonizadores".

A última estrofe consola a mãe que fica e vê um filho que parte com a esperança de um possível reencontro, que, num amanhã, ainda que longínquo, entoar-se-iam hinos à liberdade e comemorar-se-ia o fim da escravatura. Os hinos à liberdade e o fim da escravatura seriam, neste sentido, assuntos do passado, ali onde se tinha partido e entoado cânticos tristes, «Fatigados/esgotados de trabalhos/mas cantam». (Vide poema «Contratados»).

O sujeito poético inclui-se no sofrimento, num desespero provocado pelo contexto de uma separação forçada.
No último verso da última estrofe, atente-se para o uso do paradoxo – os filhos que partiram como escravos «Vão em busca de vida». Lê-se como paradoxo por a noção de escravatura se compactuar com castigo e morte, mas não com vida. No entanto, entende-se «busca de vida» como sinónimo de independência.

Depois deste poema, apresentamos, a seguir, outro poema, «O Içar da Bandeira», de Agostinho Neto, cuja finalidade é a compreensão do despertar da consciência patriótica dos nativos.

O Içar da Bandeira, de Agostinho Neto:
Quando voltei
as casuarinas tinham desaparecido da cidade
E também tu
Amigo Liceu
voz consoladora dos ritmos quentes da farra
nas noites dos sábados infalíveis
Também tu tinhas desaparecido
e contigo
os Intelectuais
a Liga
o Farolim
as reuniões das Ingombotas
a consciência dos que traíram sem amor
Cheguei no momento do cataclismo matinal
em que o embrião rompe a terra humedecida pela chuva
erguendo a planta resplandecente de cor e juventude
Cheguei para ver a ressurreição da semente
a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria
nos homens
E o sangue e o sofrimento
eram uma corrente tormentosa que dividia
a cidade
Quando euvoltei
o dia estava escolhido
e chegava a hora
Até o riso das crianças tinha desaparecido
e também vós
meus bons amigos meus irmãos

Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel
e quem mais?
– centenas, milhares, de vós amigos
alguns desaparecidos para sempre
para sempre vitoriosos na sua morte pela vida
Quando euvoltei
qualquer coisa gigantesca se movia na terra
os homens nos celeiros guardavam mais
os alunos nas escolas estudavam mais
o sol brilhava mais
e havia juventude calma nos velhos
mais do que esperança era certeza
mais do que bondade era amor
Os braços dos homens
a coragem dos soldados
os suspiros dos poetas
Tudo todos tentavam erguer bem alto
Acima das lembranças dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência

Uma Leitura:-
O poema Içar da Bandeira é o símbolo da independência. Mas uma independência que se almeja. Assim, embora as formas verbais se apresentem no pretérito «Quando eu voltei» anuncia um momento porvindoiro. É a realização da "revelação apocalíptica" anunciada nos versos «sou aquele por quem se espera/entoaremos hinos à liberdade/quando comemorarmos/a data da abolição desta escravatura, todos do poema «Adeus à hora da largada». É a concretização de um projeto. Trata-se de um porvir. O valor deste poema prevalece no sentido de ser uma mensagem de esperança e de apelo à revolução. Porque o anunciado é ainda um sonho. É uma mensagem ideológica, de força. Sendo um apelo à revolução, explicita as razões da luta, como numa imagem, que é o retrato de um dia. Lê-se na última estrofe, a invocação aos reis Ngola Kiluanji e Rainha Nzinga, o que se entende como reconhecimento aos pioneiros da luta de libertação.

A referência aos nomes dos amigos e irmãos como Liceu, Benge, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel, desaparecidos; a ausência das reuniões nas Ingombotas, são a imagem da terra que continuava sob o domínio colonial e que, por consequência, levava a perda da identidade. Deste modo, apelam a tomada da consciência para a revolta.

Há, ainda, o anúncio do que viria a ser o pós-independência, quando os filhos da terra tomariam dianteira do seu projeto de país. Tal se vê na nona estrofe – haveria fartura de alimentos, redução do analfabetismo, o sol brilharia mais. O brilho do sol é tomado aqui como o signo de prosperidade, do renascer. É, na verdade, o predizer de uma paz efetiva.

Finalmente, chega-se a ideia de que a mensagem do poema é uma ação por se realizar pelo simples fundamento espaciotemporal da sua produção, Cadeia do Aljube, Lisboa, 1960. E, tal se tornou uma "utopia realista" no dia 11/11/1975.
Damos a ler, por fim, o poema «Criar», de Agostinho Neto, espaço em que se exprimem a esperança, a necessidade de mudança.

Criar, de Agostinho Neto:
Criar
Criar criar
criar no espírito criar no músculo criar no nervo
criar no homem criar na massa
criar
criar com os olhos secos

Criar criar
sobre a profanação da floresta
sobre a fortaleza impúdica do chicote
criar sobre o perfume dos troncos serrados
criar
criar com os olhos secos
Criar criar
gargalhadas sobre o escárneo da palmatória
coragem na ponta da bota do roceiro
força no esfrangalhado das portas violentadas
firmeza no vermelho sangue da insegurança
criar
criar com os olhos secos
Criar criar
estrelas sobre o camartelo guerreiro
paz sobre o choro das crianças
paz sobre o suor sobre a lágrima do contrato
paz sobre o ódio
criar
criar paz com os olhos secos
Criar criar
criar liberdade nas estradas escravas
algemas de amor nos caminhos paganizados do amor
sons festivos sobre o balanceio dos corpos em forcas
simuladas
criar
criar amor com os olhos secos

Uma Leitura:-
Além da noção de sofrimento que os poemas de Agostinho Neto explicitam, o sujeito poético não se olvida da esperança do fim da escravatura, daí os poemas «Criar»; «Havemos de voltar», onde se anuncia a esperança, a necessidade de reverter a situação pelo trabalho. Há a nostalgia expressa pelo uso de instrumentos musicais do património cultural africano como a marimba e o kissanje, que são códigos culturais, identitários e patrióticos. Relembram e evocam a necessidade do restabelecimento da ordem perdida, mas alcançável por meio de luta, pelo envolvimento de todos os filhos da terra. Aqui, traz-se a mensagem de esperança, a necessidade da construção de uma nova terra, sob novas condições, com menos sofrimento, criar na paz, sem lágrimas de sofrimento, «criar paz com os olhos secos», que é o símbolo de coragem.

Agostinho Neto sempre teve em conta os diferentes estratos sociais. Porque se tratava de um sofrimento comum. Assim, todos encontram o seu espaço retratado na sua poesia. Por exemplo, conhecendo o estado de pobreza em que as crianças estavam submersas, apela que depois da luta houvesse «paz sobre o choro das crianças». Aqui, as crianças são a representação do povo subalternizado e o choro tomado como pobreza. Assim, a necessidade de criar visava evitar o choro pela ausência de recursos, de fome, de nudez, de sede, em suma, de um sofrimento provocado pelas políticas coloniais.

Outros estratos sociais que a poesia de Agostinho integra, além da infância, são a mulher e os velhos. Como diz Mendonça (2014, p. 242) "A poesia de Agostinho Neto clama por justiça para a mulher angolana, um ser que no poema «Quitandeira» se lamenta desta forma: «tudo tenho dado// Até mesmo a minha dor/ e a poesia dos meus seios nus/ entreguei-a aos poetas»".

Quanto a velhice diz o seguinte: "[…] No poema «Velho Negro», este aparece-nos «Reduzido a farrapos […] // Velho farrapo / negro / perdido no tempo e dividido no espaço …» «A velhice vem cedo // Uma esteira nas noites escuras / basta para ele morrer" (Mendonça, 2014, p. 242). Sendo o povo vítima do sistema colonial, o poema vem anunciar o fim da escravatura. É a projecção de um país pós-colonial, que dá a noção de que após a luta, haveria necessidade de se trabalhar, produzir e garantir melhores condições de vida para todos.

Para Martinho (2014, p. 143), o poema «Criar» é "[…] usado com valor imperativo, […]. O acto de «criar» para que insistentemente o sujeitoa pela, e com uma urgência que não admite demoras ou hesitações, cresce em oposição a forças de destruição, de «profanação», de violência, de «ódio»".

Considerações Finais:-

Finalmente, sob o signo negritude, a poesia de Agostinho Neto exprime a defesa do humanismo negro, trazendo o seu reconhecimento como "ser" em pé de igualdade de qualquer homem. É uma poesia de incentivo à luta pela liberdade, de criação de nova nação, de esperança e de amor à pátria. Exalta o ser negro, as suas terras, o seu património cultural material e imaterial.

É uma poesia que visava o alçar de uma cultura, da afirmação da identidade do homem negro, pela luta e pelo trabalho.

Sítios:-

1. CRAVEIRINHA, José. *Manifesto*. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ciberlusofonia/Lit-Afric-de-Ling-Port/Lit-Mocambicana/Craveirinha#h.yvma6v60e4hy>. Acessoem: 26 maio 2022.
2. NETO, Agostinho. *Adeus a hora da largada*. Disponívelem: <https://agostinhoneto.org/poesias/adeus-a-hora-da-largada/>. Acessoem: 31 maio 2022.
3. NETO, Agostinho. *O içar da bandeira*. Disponívelem: <https://agostinhoneto.org/poesias/o-icar-da-bandeira/>. Acessoem: 31 maio 2022.
4. NETO, Agostinho. *Criar*. Disponívelem: <https://agostinhoneto.org/poesias/criar/>. Acessoem: 31 maio 2022.

Referências:-

1. CARTER, J. Elizabeth. «O patriota como poeta: Agostinho Neto e a sua arte». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). *A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 359-368.
2. FANON, Frantz. «Racismo e cultura». In: FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda; SANTOS, Leonardo Soares (Org.). RevistaConvergênciaCrítica, n. 13, p. 78-90, 2018. ISSN 2238-9288.
3. LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
4. LIMA, Priscila Henriques. «Literatura de guerrilha: a ideologia do MPLA na obra As Aventuras de Ngunga e a proposta de construção de uma nação angolana». In: *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013.
5. LOURENÇO, Manuel. O desenvolvimento da consciência em Sagrada Esperança. In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). *A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. 257-270.
6. MARTINHO, F. B. «Agostinho Neto, poeta. A poesia do fundador da República Popular de Angola foi a voz da sagrada esperança do seupovo». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). *A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 139-153.
7. MELO, M. Virgínia; MARQUES, M. Teresa. «Agostinho Neto: perfil de um poeta lutador». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). *A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 359-402.
8. MENDONÇA, J. Luís. «Sagrada Esperança de Agostinho Neto: do desfile de sombras para o amanhecer da justiça social, uma poética do desenvolvimento africano». In: LARANJEIRA, Pires; ROCHA, Ana T. (Org.). *A noção do ser: textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto*. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto, 2014. p. 239-248.
9. PAVÃO, S. Rodrigues. «O desenvolvimento da consciência nacional em Sagrada Esperança». *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 337-347, 1º sem. 2003.
10. RODRIGUES, C. I. Silva. *A renúncia impossível de Agostinho Neto: um novo discurso poético, intertextualidades e alcance pedagógico*. 2013. Dissertação (MestradoemLiteratura de Língua Portuguesa) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.